



QUEM PARIU MATEUS QUE O EMBALE: A EXPERIÊNCIA DO HOME OFFICE PARA AS MÃES TRABALHADORAS DA EDUCAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19.

Kássia Mota de Sousa¹, Kethley Horranna Bezerra Rolim²

RESUMO

Este artigo tem com objetivo apresentar uma síntese dos achados da pesquisa de iniciação científica “Mama África: narrativas de mães trabalhadoras da educação sobre o cotidiano no isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19”, este projeto de pesquisa teve como objetivo adentrar no universo das realidades de mulheres, mães, trabalhadoras da educação, em confinamento doméstico, objetivando compreender as condições de vida, trabalho e cuidados parentais destas mulheres no contexto da pandemia da COVID-19. A partir da constituição de um corpus teórico e metodológico de base decolonial, foi possível adentrar no cotidiano das mulheres e crianças em isolamento social durante o ano de 2020 e 2021, trilhando as potências das práticas de cuidados parentais desenvolvidos por estas mulheres, ao tempo em que, escancaramos as fragilidades, vulnerabilidades, tensões presentes no seio das organizações familiares, derivadas das bases estruturais de nossa sociedade, ancoradas no patriarcalismo, na misoginia, no racismo, incidindo de forma mais drástica nas mulheres devido às desigualdades de gênero. Foi possível, também, perceber que diante do fechamento das universidades, escolas e creches, aumentou a quantidade de tempo gasta em assistência e supervisão de crianças e jovens, ampliou-se as atividades domésticas, num momento onde as famílias perderam suas redes de apoios, composta por familiares, tios/as, avós, e/ou empregadas domésticas, que também cumprem a política de isolamento social, confinados em seus lares, e ficaram as mulheres, desassistidas pelo estado e pela sociedade, que ao longo de toda esta pandemia no Brasil, não atuou na organização de políticas e ações de assistência às mães trabalhadoras da Educação.

Palavras-chave: Educação, Gênero, Maternidade, Pandemia.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professora Adjunta da Unidade de Educação do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. <http://lattes.cnpq.br/0194297219413716>

² Graduanda no Curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, do Campus Cajazeiras. Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC no projeto de pesquisa Mama África: narrativas de mães trabalhadoras da educação sobre o cotidiano no isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19. <http://lattes.cnpq.br/6340637296807586>

QUEM PARIU MATEUS QUE O EMBALE: THE HOME OFFICE EXPERIENCE FOR WORKING MOTHERS IN EDUCATION DURING THE COVID-19 PANDEMIC.

ABSTRACT

This paper aims to present a synthesis of the findings of the scientific initiation research "*Mama África: narrativas de mães trabalhadoras da educação sobre o cotidiano no isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19*", this research project aimed to enter within the universe of women's realities, mothers, education workers, in domestic confinement, seeking to understand the conditions of life, work and parental care of these women in the context of the COVID-19 pandemic. From the constitution of a theoretical and methodological corpus of decolonial basis, it was possible to enter the daily lives of women and children in social isolation during the years 2020 and 2021, tracing the potencies of parental care practices developed by these women, whereas we open wide the weaknesses, vulnerabilities, tensions present within family organizations, derived from the structural bases of our society, anchored in patriarchy, misogyny, racism, affecting women more drastically due to gender inequalities. It was also possible to notice that, due to the closing of universities, schools, and day care centers, the amount of time spent in care and supervision of children and young people increased, household activities were expanded, at a time when families lost their support networks, composed of family members, uncles and aunts, grandparents, and/or domestic workers, who also comply with the policy of social isolation, confined to their homes, and women, unassisted by the state and society, who throughout this pandemic in Brazil, did not act in the organization of policies and actions to assist working mothers in Education.

Keywords: Education, Gender, Maternity, Pandemic.

INTRODUÇÃO

A expressão popular “*Quem pariu Mateus que o embale*”, dar conta da tradição patriarcal, machista de nossa sociedade, onde a mãe é considerada a única responsável pelo trabalho de cuidar dos seus filhos. Uma expressão de utilização comum e que nos emergiu como representação perfeita do cotidiano privado das trabalhadoras da educação, mães, durante a pandemia da COVID-19.

Este artigo tem com objetivo apresentar uma síntese dos achados da pesquisa de iniciação científica “Mama África: narrativas de mães trabalhadoras da educação sobre o cotidiano no isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19”, este projeto de pesquisa teve como objetivo adentrar no universo das realidades de mulheres, mães, trabalhadoras da educação, em confinamento doméstico, para compreensão das condições de vida, trabalho e cuidados parentais destas mulheres no contexto da pandemia da COVID-19.

Da pesquisa resultou dezenas de páginas de transcrição literal dos relatos de 03 (três) mulheres, mães de crianças pequenas, trabalhadoras da educação, que ao longo do ano de 2020 e até os dias presentes vivenciam, em confinamento doméstico, o medo provocado pela possibilidade real da doença e da morte, trazidos pela COVID-19, e as mudanças nos processos de reestruturação de suas rotinas de trabalho, ao tempo em que cuidam, sozinhas, na maioria das vezes, de seus filhos e filhas.

Esta pesquisa inaugurou para nós pesquisadoras, a necessidade de uma escuta empática das mães e das educadoras, e para tal, a necessidade de estruturação de metodologias de pesquisa que acolham estes relatos em sua inteireza, como também, a necessidade de articulação teórica que contemple as subjetividades e especificidades, para além, da articulação de categorias e conceitos gerais.

Mama África também desnudou um cotidiano de cuidados parentais realizados, em sua grande maioria, pelas mulheres, mesmo em contextos onde estas mulheres são profissionais e responsáveis pelo custeio da casa e de seus filhos. Um cotidiano alhures a suas rotinas de trabalho, ignorado pelas instituições que empregam estas mulheres, desconsiderado pelas políticas públicas para as mulheres e para as crianças, como também pelas políticas emergenciais de enfrentamento e combate a

pandemia da COVID-19, implementadas pelos governos, em suas diferentes esferas, no Brasil.

E apresentou para as mães, trabalhadoras da educação, uma realidade descrita por Antunes (2021), como uma “*visceral contradição*”, que para o autor atinge a totalidade da classe trabalhadora e a coloca em um verdadeiro “*fogo cruzado*” é a necessidade de isolamento social e quarentena para se evitar o contágio pelo coronavírus, de um lado, e do outro, para as mulheres, a exigência de equilibrar o processo de *uberização*³, flexibilização e digitalização do trabalho docente, ante as urgentes demandas do trabalho doméstico e dos cuidados às crianças.

Antunes (2020) assinala que as práticas do home office, da EAD tendem a exacerbar-se na fase pós-pandemia, diante desta expectativa é imperioso ampliar a compreensão das condições de trabalho e de vida das mulheres ante este novo contexto, em busca da construção de práticas e políticas capaz de acolhê-las, é nesta perspectiva que apresentamos este relatório de pesquisa, já indicando em sua introdução, a urgência de continuidade deste campo de reflexão.

MATERIAIS E MÉTODOS (OU METODOLOGIA)

Compreendendo que uma metodologia de pesquisa deve ser construída no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas pelo objeto de pesquisa e pelas perguntas formuladas (MEYER, 2014), para conhecermos as narrativas das mães negras trabalhadoras da educação utilizamos entrevistas, realizadas pela internet, por meio de ferramentas e plataformas de comunicação instantânea, respeitando assim, as medidas sanitárias da OMS e dos órgãos sanitários e de saúde do Brasil.

Esta iniciativa constituiu um referencial metodológico exploratório, por compreender que propostas metodológicas de caráter normativo, que se compreendam como neutras e, ou ateóricas, não dariam conta da complexidade de nossa pesquisa.

Entendemos como mítica a possibilidade de generalização de resultados de pesquisa, pois resultados gerais não contemplam as especificidades do grupo

³ Por uberização do trabalho, entendemos as modernizações das relações, com um estilo mais informal, flexível e por demanda, que precariza as condições do trabalhador.

estudado, já que o mesmo encontra-se à margem do poderio político, econômico e científico. Neste sentido é que trouxemos a baila a concepção “Porteira a dentro”, cunhada por Narcimária Luz (2000) e requisitada por pesquisadores Silva e Alves (2018), para tratar dos processos específicos da população afrodescendente, que ocorrem no âmbito particular, no espaço privado, compreendendo que tais especificidades devem repercutir sobre as escolhas metodológicas de pesquisas.

Neste sentido, nos encontramos com a Entrevista Narrativa - EN, idealizada por Fritz Schutze (2013), esta metodologia possibilita acessar as experiências sociais específicas, ao privilegiar as narrativas individuais, fugindo do esquema rígido de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, que pela sua dinâmica impõe as participantes da pesquisa um roteiro único de exposição de suas trajetórias, marcadas pelos pressupostos teóricos do(a)s pesquisador(a)s.

Para produção do material empírico da pesquisa, realizamos entrevistas por meio da ferramenta de comunicação instantânea (*Google Meet*) com mulheres que estavam em confinamento devido a pandemia e realizando suas atividades laborais relacionadas à Educação de forma remota^[1].

A escolha desta opção metodológica ocorre mediante: a) a impossibilidade de realizar tais entrevistas pessoalmente, devido à pandemia da Covid-19; b) a possibilidade de realizar entrevistas em diversos horários e dias variados, o que é interessante, haja vista a rotina intensa de cuidados com as crianças e atividades laborais das entrevistadas; c) o acesso à entrevistadas de diferentes perfis sociais e lugares da região do nordeste do Brasil.

O uso da internet como ferramenta para a produção de material empírico na pesquisa é discutido por Félix (2014), sobre as narrativas on-line. Escreve a autora:

A técnica de entrevista narrativa foi desenvolvida por Fritz Schutze, na década de 1970, com o intuito de romper com os esquema tradicional de perguntas-resposta empregado em outras técnicas de produção de dados no âmbito das pesquisas sociais (SCHUTZE,2011). Tal técnica, segundo Sandra Jovchelovitch e Martisn Bauer (2002, p.93), tem como ideia principal “reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível”. A técnica de entrevista on-line, segundo Uwe Flick (2009), é uma forma de adaptação das entrevistas convencionais para a internet (FÉLIX, 2014, p. 137).

Seguindo a direção da autora, realizamos entrevistas pela internet de forma síncrona, em que as pesquisadoras apresentaram as questões/eixos estruturantes

da pesquisa e as entrevistadas apresentaram suas reflexões, experiências e discussões sobre as temáticas, conversando em tempo real, on-line.

As narrativas se estruturaram em 03 eixos ou tópicos de narração/questões exmanentes, são: 1. Dificuldades de conciliação entre a realização do trabalho remoto *versus* o desenvolvimento das atividades parentais; 2. Desafios e limites da realização do trabalho laboral no contexto vivenciado pelas mães, marcado por uma condição espaço-temporal adversa; 3. As repercussões subjetivas, afetivo-emocionais decorrentes da sobreposição dos trabalhos profissionais, domésticos e cuidados das crianças impostos a estas mulheres. Todos estes eixos foram perpassados, entranhados de sentido pelo exercício mais urgente que se coloca, inclusive, culturalmente como dispositivo materno, naturalizado para estas mulheres, que é a maternagem, a criação de seus filhos.

A narrativa do cotidiano foi potente, até mesmo, por ter se constituído uma possibilidade das narradoras construírem sentido a partir de suas experiências aos lhes dar a forma de narrativas.

As entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade das participantes. Com a Professora A.K. conversamos no final do turno da manhã, momento em que ela já tinha realizado suas atividades laborais daquele turno, enquanto seus filhos estavam com a avó. A entrevista foi gravada e teve duração de uma hora, quatro minutos e cinquenta e quatro segundos. Já a entrevista da Professora M.C. aconteceu no período noturno, aproximando-se da madrugada, horário disponibilizado pela entrevistada por ser o momento em que o filho já estava dormindo, e as atividades laborais e domésticas do dia estavam “finalizadas” e, portanto, era mais tranquilo e possível para a realização da conversa. Esta entrevista também foi gravada e teve duração de uma hora e trinta e cinco segundos. A entrevista com a M.S. aconteceu no turno da manhã, momento em que tinha mais disponibilidade. Esta entrevista foi gravada e teve duração de uma hora, dez minutos e quarenta e sete segundos.

As três entrevistadas destacaram que, mesmo diante do enfrentamento das multitarefas, estas que ampliaram o seu cansaço, suas preocupações, a correria diária, sentiram-se dispostas a colaborar com essa pesquisa, reconhecendo a sua relevância. As professoras realizaram, após a entrevista, a leitura de toda a transcrição de suas falas e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando a publicização de suas narrativas. Para se referir às participantes,

garantindo seu anonimato, utilizamos o termo “Professora” seguido das iniciais de seus nomes.

DESENVOLVIMENTO

No momento de propositura do projeto em relato, tínhamos compreensão de que a desigualdade de gênero como elemento estrutural da sociedade determina desvantagens para as mulheres em diversos setores da vida social como: educação, mercado de trabalho, participação política, saúde, entre outros. No Brasil, no território doméstico, no convívio familiar as desigualdades são reproduzidas e atualizadas. Neste sentido é que se fazia necessário compreender os processos vivenciados pelas mulheres no Brasil, atentando para as distinções produzidas pelos recortes de classe, raça e regionais neste contexto específico da pandemia.

Reconhecíamos que as medidas que impactavam positivamente no controle da COVID-19, geravam, duros impactos econômicos e sociais, para os grupos mais vulneráveis da sociedade, e especificamente para as mulheres, neste sentido, publicações como, o documento “The Impact of COVID-19 on Women” (ONU, 2020), nos informavam que as consequências econômicas e sociais da crise em saúde, exacerbariam, também, as desigualdades e a discriminação existentes contra mulheres e meninas, especialmente contra as mais marginalizadas, e nos informavam que a pandemia aumentava os afazeres de trabalho não remunerado entre as mulheres. O documento afirmou que o fechamento de escolas e creches, não apenas aumentou a quantidade de tempo que os pais gastariam em assistência e supervisão infantil, mas também forçou muitos a supervisionar e liderar a educação de seus filhos em casa.

Era preciso considerar que, no contexto da pandemia da COVID-19, mulheres que desenvolvem atividades laborais fora de casa, perderam suas redes de apoios, ao dispensar empregadas domésticas (com ou sem salários, aprofundando outras desigualdades), com o fechamento de creches e escolas, com os afastamentos das famílias, tias, avós, madrinhas, que também confinaram-se em seus lares.

Conforme a Pesquisa *Gênero e Número*, publicada em 2020, em pleno isolamento social no Brasil, 53% das mulheres seguiram trabalhando a partir de casa para a manutenção de seus salários, e o apoio para o cuidado, que já era insuficiente, foi reduzido durante a pandemia, o que fazia estas mulheres, ao tempo

em que desenvolvia suas atividades laborais, se reconhecessem, também, como responsáveis pelo cuidados dos filhos e atividades doméstica. Além da divisão sexual do trabalho, a pesquisa aponta que a distribuição das responsabilidades estava marcada pelas dimensões geográficas, de renda e também de raça.

Além da divisão sexual do trabalho, as possibilidades desta distribuição de responsabilidades, na sociedade brasileira, são marcadas pelas dimensões de raça e renda. A pesquisa indica que 42% das mulheres responsáveis pelo cuidado de outra pessoa o fazem sem apoio de pessoas de fora do núcleo familiar. As mulheres negras indicaram ter menos apoio externo, correspondendo a 54% destes casos. Raça também é uma dimensão que marca diferenças nas formas de apoio ao cuidado às quais as mulheres entrevistadas recorrem. 32,4% das mulheres disseram encontrar apoio para o cuidado entre parentes ou pessoas da vizinhança, sendo que, destas, 55,5% são mulheres negras. O apoio ao cuidado por instituições foi indicado por 15% das entrevistadas, sendo que, destas, 56% são mulheres brancas. Entre as entrevistadas, 12% disseram que contratam uma pessoa para o cuidado, entre as quais, 52,4% são mulheres brancas. (Sempreviva Organização Feminista; Gênero e Número, 202, p. 30)

Tal pesquisa, reforçou uma intensão do projeto, que era entender esta problemática a partir das dimensões de raça, que impunha diferentes enredos, contudo, ao contrário da pesquisa citada, Mama África não se propunha uma pesquisa quantitativa de peso, com uma amostragem numérica representativa, ao contrário, nossas escolhas metodológicas, estiveram atentas as realidades específicas, e neste sentido, nos ancoramos em pesquisas similares para compreensão da realidade estudada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao propormos a pesquisa em relato, tínhamos como perspectiva teórica o feminismo decolonial, e a necessidade de contribuir para uma virada epistemológica, que auxiliasse para o protagonismo das mulheres, pesquisadoras e voluntárias. Partindo dos relatos, o desafio é apresentar as depoentes, entrevistadas, compreendendo a necessidade de rompimento com as perspectivas teóricas que “objetificam” os sujeitos das pesquisas, e apresentam vidas, como dessecam-se corpos, buscando uma lupa precisa, separando vida em partes, catalogando-as e

rotulando-as, e experimentando soluções, como se vida coubesse em tubos de ensaio.

O desafio vivenciado pelo projeto, só nos foi possível a partir de um referencial teórico que partia de nós, a intensão de lidar com a diferença e suas produções sociais, fugindo do modo tradicional de compressão da diferença que tende a excluir as sobreposições, indo até as diferentes mulheres e observando como os fatores de identidade se combinam e determinam suas condições de vida.

Neste tópico, buscamos apresentar as mulheres voluntárias da pesquisa, respeitando o anonimato que a pesquisa científica com humanos impõe, mas, imprimindo a identidade destas mulheres.

A entrevistada Professora A.K. é graduada em Pedagogia e professora da educação básica, ensinando no modelo remoto. É casada e tem dois filhos, um menino de nove anos, que também está tendo aulas remotas e uma menina de dois anos que frequentava a creche. Antes da pandemia Professora A.K. já sentia dificuldades em deixar seus filhos com outras pessoas que não fossem da família, pois entende que a realidade de uma mãe de crianças que trabalha fora é bastante complexa. O seu marido trabalha fora de casa e só retorna a noite, sendo assim o seu cotidiano se divide em trabalho, afazeres domésticos e acompanhamento das atividades escolares e cuidados com os filhos. Dessa forma, há uma sobrecarga em relação ao desempenho das atividades e do ser docente.

A segunda entrevistada, Professora M.C. também da área da Educação, atualmente é doutoranda e servidora pública municipal. É casada e tem um filho de quatro anos que está no espectro autista. Devido a pandemia, Professora M.C. além de assumir os afazeres domésticos, os cuidados e acompanhamento escolar do filho, o doutorado e o trabalho, também aplica as terapias do filho, que antes eram realizadas por profissionais. Como o marido trabalha a maior parte do tempo em outros estados, Professora M.C. é a responsável por todas as tarefas domésticas e com filho. E, principalmente no isolamento social, tem sido só ela, pois, por medo do coronavírus perdeu a sua rede de apoio, que era a sua tia. Professora M.C. relatou que, durante o período de isolamento, desenvolvia suas atividades laborais, durante a noite, após a conclusão das atividades domésticas, quando seu filho já dormia.

A entrevistada Professora M.S. é graduada em Pedagogia, doutoranda em Educação e trabalha na área da gestão escolar. É casada e mãe de uma filha que está tendo aula no formato remoto e precisa de acompanhamento para as aulas

síncronas, que acontecem todos os dias. Professora M.S. e sua família passaram por muitas mudanças de cidades até residir onde está atualmente, pois recentemente conquistou um novo trabalho. Nos primeiros momentos da pandemia, no isolamento social Professora M.S. e o marido, também em ensino remoto, dividiram as tarefas domésticas e as atividades com a filha, no entanto, a responsabilidade recaía principalmente sobre ela. No processo de alfabetização da filha durante isolamento tiveram momentos dolorosos, mas, foi muito prazeroso também, por presenciar cada aprendizado. E por motivos de doutorado e trabalho, foi necessário contar com a ajuda de outras pessoas no seu cotidiano.

As entrevistadas no momento da pesquisa desenvolviam diferentes atividades laborais. A primeira entrevistada nos concedeu a entrevista no ano de 2020, nos primeiros meses de isolamento social. A Professora A.K. leciona no segundo ano do ensino fundamental de uma escola privada, dando as suas aulas em formato remoto, via Google Meet. O seu trabalho necessitava da disponibilidade para atendimento em horário integral, para assistência e suporte aos alunos e aos pais. E para conseguir ministrar suas aulas e participar de planejamentos sem interrupções, contava com o apoio da mãe para ficar com a filha menor.

Já no momento da segunda entrevista, também em 2020, as medidas de isolamento social ainda estavam sendo seguidas de forma rigorosa, a Professora M.C. trabalha como técnica na célula de educação inclusiva, acompanhando a matrícula de alunos com deficiência, os profissionais de apoio, a formação de professores e matrículas. Como seu trabalho ficou mais burocrático pela impossibilidade de ir presencialmente nas escolas, a Professora M.C. estabeleceu o seu serviço para o horário da noite e da madrugada, depois que o filho dorme.

A terceira entrevista, com a Professora M.S., aconteceu no ano de 2021, a pandemia e as medidas sanitárias continuam, porém, havendo uma flexibilidade em alguns setores. Portanto, a Professora M.S. que trabalha na área da gestão educacional, com o acompanhamento dos alunos e pais, já estava prevendo seu retorno de forma presencial. Mas relata que no início da pandemia, sua estratégia era dividir a mesa de trabalho com a filha, que estava em processo de alfabetização de forma remota.

As condições diversas e adversas de trabalho, permitiam as entrevistadas diferentes vivências de cuidados parentais, aqui faremos um esforço de apresentação destes modelos de cuidar e vivenciar a maternidade dessas mulheres.

Apresentando seus modelos de organização do cotidiano, em buscar de conciliar trabalho, afazeres domésticos, cuidados parentais.

As falas da Professora A.K. nos mostrou os desafios em conciliar o trabalho na educação e o cuidado com os filhos:

(...) O primeiro mês foi tranquilo, mas aí veio a volta às aulas remotas, então eu tive, como eu relatei no *story (instagram)*, eu tive que levar ela para casa da minha mãe, porque ela (filha) tem dois anos e uma criança de 2 anos precisa de um banho, de uma alimentação, de um cochilo, não tinha como eu dar aula e fazer isso com ela, o mais velho como começou as aulas remotas, então ele fica em casa comigo e eu levo ela (...) Ele (...) Eu dou minha aula no quarto dele, então o local mais afastado da zuada da rua, e ele assiste a aula dele na cozinha, e ela fica lá em mãe. (...). (Entrevistada A.K.).

O relato da Professora A.K. expõem questões relacionadas a classe trabalhadora, e os dilemas enfrentados ante as medidas de controle e enfrentamento da pandemia, baseadas no isolamento social.

(...) se fosse para trazer uma pessoa para minha casa a minha filha não ia deixar eu trabalhar. Porque ela escutar minha voz ,falando com meus alunos, e ela ia começar a me chamar, e ia começar a chorar (...) Porque ela faz isso nas reuniões de planejamento, as reuniões estão sendo também assim, e eu fico com ela, porque é uma “horinha” só de planejamento e eu deixo ela lá brincando na sala com irmão e quando ela escuta minha voz, falando com a coordenação, dando a minha opinião, minha coisa (...) Ela corre vem, grita, bate na porta (...) Enquanto eu não abro, não desliga o microfone, aí eu deixo ela um pedaço até ela querer sair de novo (...) Ela não para. Então ela não tinha como ficar aqui, com uma pessoa (cuidadora), ela tinha realmente que ir (...) Ou eu deixar ela aqui, com uma pessoa, e isso aí (...) Mas aí eram dois riscos: Eu sair e uma pessoa... Então eu preferi só um, no caso né? Eu deixo lá na minha mãe, que a pessoa que eu tenho contato sempre, e volto para casa para fazer meu trabalho. (...). (Entrevistada A.K.).

A entrevistada Professora A.K. trata das dificuldades específicas do trabalho remoto para as professoras mães, de suas características de organização e da incompatibilidade entre estas características e o ambiente doméstico com crianças.

(...) E assim a gente vai (...) É muito complicado essa aula remota e ainda mais para a gente que tem filhos complicadíssimo (...) Não sei como KM* está dando de conta de R* (...). Porque tem a minha, a minha a minha parte do trabalho que é de manhã, mais estende, tem vez de eu receber mensagem no WhatsApp 10 horas da noite de pai

e de mãe e eu tenho que responder, porque eu não posso deixar eles sem este suporte, também, porque muitos não estudaram, não sabe como é que vai, tem um pais de alunos que estão trabalhando o dia todo, assim como no meu como meu esposo (...). Então eu tenho que dar esse suporte, então de manhã é aula, de tarde eu passo à tarde na luta da casa, como se diz, sendo mãe e dona de casa, e tem dias que eu até me esqueço, porque recebo as atividades de manhã, vai chegando (...). (Entrevistada A.K.).

As entrevistadas confirmaram essa situação trazida por Professora A.K., o sentimento de insatisfação consigo, sobrecarregadas com cuidados da casa, dos filhos e com as exigências do trabalho, elas relataram que não estão dando conta de atender às múltiplas demandas e se mostraram bastante angustiadas com a vivência atual. Alegaram que não conseguiam fazer nada a contento: não cuidam da casa e dos filhos como desejariam e não atendem às demandas do trabalho, como deveriam.

Este sentimento corrobora para a necessidade de nos voltarmos para as questões subjetivas, o estado psicológico que estas mulheres vivenciam neste contexto pandêmico, ainda que este fosse um objetivo da pesquisa, não conseguimos avançar neste tópico, inclusive porque os relatos das entrevistadas (que era obrigatoriamente livre de intervenção das pesquisadoras, conforme a metodologia adotada), centraram nos aspectos dos cuidados aos filhos e das questões laborais.

A pandemia é um desafio a mais para as mulheres mães trabalhadoras, porque o formato tradicional, patriarcal, de criação de filhos, indica a necessidade de uma rede de apoio, seja institucional, baseada no trabalho informal de outras mulheres, ou ainda, constituída de rede de afetos, o fato é que é preciso outras pessoas para ajudar nesse processo de cuidado. Como diz o ditado africano “*é preciso uma aldeia para se educar uma criança*”⁴, trazendo esse provérbio para o sentido da nossa discussão, as mães precisam de apoio, mas, infelizmente muitas perderam na pandemia. E nem sempre é suportável carregar o mundo todo nas costas e fazer o papel de toda a aldeia.

A pesquisa faz perceptível a fragilidade e as vulnerabilidades das mulheres trabalhadoras no exercício de suas maternidades. Este é um processo histórico, marcado pelas ofensivas ao direito de maternar destas mulheres que se radicaliza

⁴ Provérbio africano.

em um momento de pandemia, quando as mulheres são as maiores responsáveis pelos cuidados dos outros, estando na linha de frente dos serviços considerados essenciais, ao tempo em que sobre elas impõe-se a sobrecarga de trabalhos e cuidados com seus filhos, marcada pela desorganização de suas redes de apoio, sejam redes familiares ou institucionais, como as creches e escolas.

As experiências da Professora M.C., expõe outro contexto específico, além de assumir todos afazeres domésticos, maternidade, doutorado e trabalho. Ela assumiu também, a função de práticas terapêuticas com filho que está no espectro autista. Isso mostra como as mães se flexibilizam e tomam para si outras tarefas que não são suas. Seu relato ainda indica a adoção de um quarto turno de atuação, as madrugadas.

(...) não tem sido fácil, a madrugada tem sido minha companheira, mas, foi a melhor coisa que eu poderia fazer, né? Por mim, pelo meu filho. Porque pra eu tá bem pra ele, eu preciso tá bem comigo mesma, né? Se eu tivesse desistido desse sonho, se eu tivesse abrido mão dele, talvez eu estaria hoje, né? Amargurada, não sei, não é fácil. Tem dia que dá vontade de desistir, mas é só por um instante, um breve instante (...) pronto, aí ele dorme, eu descanso um pouquinho, pronto, eu já tô de novo né? Na ativa, voltando.(...) Então ele faz, de segunda a sexta essa terapia, né? Então ele tinha, ele fazia tudo domiciliar, que a gente, que eu tinha conseguido pra ele, aí vinha duas vezes uma fonoaudióloga, duas vezes uma (incompreensível), e eu sempre acompanhando, e vinha um estagiário de psicologia pra aplicar a terapia ABA. Com a pandemia, né? Tudo mudou, porque os profissionais não puderam mais vir, nem o estagiário e nem a escola, e eu tive que começar a trabalhar em casa. Então, é (...) tá um caos, assim, no sentido da, as questões de trabalho geralmente eu tenho feito depois que ele dorme, né? É (...) esse horário, dez até meia noite com as coisas do trabalho, é (...) porque de manhã eu estou me dedicando as atividades domésticas, os cuidados com ele, a questão da aula online, né? Que ele gosta muito das aulas, ele adora computador, então ele não teve problema nenhum com as aulas online, né? Ele adora inclusive, “vamos pra aula?” Ele gosta. Então, tenho que tá acompanhando, então é fazendo o almoço e acompanhando a aula online dele, que ele ama sim, né? Fala de escrever, de ler, ele lê desde os 2 anos, ele é hiperlexo, aprendeu a ler sozinho, então, mas precisa do suporte, só tem 4 anos, então não tem autonomia pra executar as atividades, então é ali, fazendo o almoço e orientando as atividades. E o turno da tarde, né? Que eram as terapias, permanece com as terapias, mas eu aplicando. As terapeutas vão me orientando pelo teleatendimento e eu vou aplicando com ele e a terapia ABA, eu também estou aplicando com ele, né? É (...) a de segunda a sexta também. Eu tentei manter o máximo possível da rotina dele, dos atendimentos que ele já fazia, né? Pra ele, porque pra eles é muito difícil a mudança de rotina.(...). (Entrevistada M.C.).

A Professora M.C. demonstrou em seus relatos como as tarefas relacionadas a maternidade foram centralizadas em sua rotina. Para realizar as atividades laborais, a Professora M.C. é exposta a uma rotina marcada pela sobrecarga de trabalho.

(...) Então, as atividades de doutorado, as coisas de trabalho, né? É tudo, quando eu disse à noite, é porque esse horário é o meu horário, ainda bem que eu sou bem produtiva nesse horário, consigo ficar acordada de 2:00, 3:00 horas de boa, assim, e consigo render. Então, as atividades de doutorado, se bem que antes as atividades de doutorado já eram à noite, então não mudou muito nesse sentido, né? O que mudou é que agora tem as atividades do trabalho que muitas vezes também vão para o turno depois que ele dorme, porque é quando eu termino as terapias à tarde, aí tem o jantar, o banho, tem todos, o brincar com ele e os cuidados que uma criança demanda, independente de ter autismo ou não. (...). (Entrevistada M.C.).

M.C. apresentou-nos outras temáticas, sobre as quais não foi possível aprofundar neste projeto de pesquisa, mas, que necessitam de atenção das estudiosas do feminismo decolonial. São as questões referentes aos modelos familiares distintos e as questões específicas relativas às diferentes configurações familiares, o fato de não viver cotidianamente com os pais de seus filhos pode aumentar as dificuldades destas mulheres, aspecto apontado nos estudos que destacam que mulheres com essa configuração familiar enfrentam desafios ainda maiores para conciliar as esferas domésticas/familiares com a profissional.

(...) assim, quase sempre sou só eu, porque quando eu digo eu, é eu mesmo, e aí qual é a (...) tem uma pessoa que me ajuda, que é minha tia, que ela me ajuda enquanto eu estou trabalhando ela fica com ele, né? No turno que eu não, que eu preciso sair, que eu vou pra UFC, ela passa o dia aqui comigo, só que desde que começou a pandemia, porque ela já tem uma idade, né? Um pouco mais avançada, eu não, não precisa vim, eu dou meu jeito. (...) Tem dias que eu estou morta, mas como, é só eu e ele, da hora que acorda a hora que vai dormir, é eu e ele, é só nós dois. (...) Porque tem sido, tá sendo eu, né? Sozinha. E aí, às vezes tenho vontade de pedir minha tia pra voltar, mas eu ia ficar muito pior, me sentindo culpada, porque assim, ela cuida das coisas da atividade doméstica, que demandam muito da gente, roupa pra lavar, pia que não para, todo tempo com louça. Mas, tá ali, a pia tá limpa, ele tá dormindo, a casa tá limpa e eu tô aqui conversando. (...) Todo dia é um dia, mas, tem sido assim, mas, estou muito cansada, não nego, eu digo pra quem quiser ouvir, tô muito cansada mesmo. (...) eu acho que no mínimo eu tô com uma estafa, no mínimo, porque a minha, principalmente a

minha memória não tá bem, (...) eu tô cansada, sabe? Eu tô me sentindo ofegante, tem horas que eu respiro fundo assim, porque tá faltando o ar algumas vezes, sabe? Aí eu, não, não tá legal não, então assim, reconhecer isso, eu sei que muitas vezes a gente fica lutando contra essas coisas, né? Contra reconhecer que chegou no limite, né? (...). (Entrevistada M.C.).

Os processos de escolarização das crianças, assim como o desenvolvimento físico e psicológico, e questões comportamentais das crianças, também se fizeram presentes nas falas das entrevistadas. A Professora M.S. fala um pouco sobre o acompanhamento no processo de alfabetização e escolarização da filha:

(...) era eu estudando de um lado, ela estudando do outro, as aulas remotas que a gente tinha que acompanhar, quando começa as aulas remotas, né? E (...) foi assim, bem complicado, dias de choro, muitos dias de sorriso também, porque foram momentos que a gente se aproximou mais ainda, né? Eu sempre tive uma ligação muito forte com a minha filha, primeiro, não tem como não ter, né? (...). Esse período pandêmico foi muito, muito muito de aproximação, quando eu, agora recente, tô retornando ao trabalho presencial, ela até se bloqueou um pouco e chora e diz: “mamãe eu não estou preparada pra você voltar ao trabalho”, aí eu digo “nem eu”. Mas, é, bem complicado. Então essa foto (MS com a filha) representa esses dois anos de como a gente tá realmente tentando dentro dessa loucura, né? Fazer esse trabalho de alfabetização da F. e o meu doutorado, né? E sempre uma tentando estudar ao lado da outra, às vezes é difícil, a maioria das vezes, porque ela não tem maturidade, lógico né? Mas é, é tentando né? Tentando a gente chega lá. (...). E as aulas online pra ela, não foram nada legais, assim, de início, porque ela mostra isso na solidão, né? Muito solitária, muito sozinha, só ela e o computador, só ela e o computador, era como ela se via. E aí a gente tentou, eu acho que acima de tudo, até, ainda não tinha, porque esse desenho foi um dos últimos desenhos que ela fez de atividade escolar e antes disso todas as aulas, ou eu ou o T acompanhava ela, porque era uma aula de 40 minutos, então a gente se organizava pra tá ao lado, mas em nenhum momento ela nos desenhou, aí do lado dela. Eu fiquei assim, impressionada com isso, mas a gente tava do lado dela, né? E tentando auxiliá-la nas aulas, na aprendizagem, né? Mas pra ela isso não era suficiente, porque eu acho que ela pensou, né? Ela “poxa, sala de aula sou eu, minha professora e meus colegas, não eu e minha mãe, não eu e meu pai, né?” (...). O ano passado teve uma apresentação que até hoje ela fala que foi a apresentação final, que foi da Ruth Rocha, ela foi a própria Ruth Rocha, né? E ela se encantou, a gente enfeitou ela como se fosse a Ruth Rocha e enfim, mas eu acho que nada disso substituiu pra ela o que é a sala de aula, né? E o medo de contrair o vírus ainda nos faz deixar ela em casa e assistindo as aulas nesse formato, né? O medo e a responsabilidade. (...) mas esse acompanhamento foi doloroso, porque a gente tinha que disponibilizar mais tempo ainda do que o que a gente já tinha pras atividades de casa, mas foi prazeroso também, né? Eu assim, me

senti, hoje eu me sinto muito bem em poder ter dado muito mais pra ela nesse momento de alfabetização, de ouvir ela lendo as primeiras palavras, de sentir a dificuldade dela, de tentar ajudar, de me estressar também, né? E sair de perto às vezes, porque tem momentos que a gente “poxa, não, não quero nem tá aqui pra não me estressar e fazer besteira”, porque teve momentos assim, tão tão difíceis que a gente saía, de choro dela, meu, sabe? De dizer “T* assume porque eu não consigo mais” né? E fora as atividades todas (...). (Entrevista M.S.).

Trazer a fala da Professora M.S. e sua perspectiva neste relatório, permite um exercício que nos é fundamental, a compreensão das especificidades. A perspectiva decolonial de gênero nos sugere a leitura e compreensão dos aspectos específicos de cada realidade, em busca de uma compreensão não generalizada. Ainda que as mulheres entrevistadas por esta pesquisa, possuam características comuns, seus pertencimentos indentitários diversos, suas filiações à classes, categorias sociais, seus processos diferentes formativos, permitem também visões particulares ante a realidade comum. Fazendo com que os conflitos de raça, gênero, classe social, se organizem em variadas dimensões.

A questão do machismo, se impõe em nossa análise, pois, são três mulheres que vivem a maternidade de formas diferentes, mas que ao mesmo tempo, nesse processo de maternagem, os filhos são sempre responsabilidade das mães. Para as Professoras A.K. e M.S. os cuidados com os filhos recaem principalmente sobre elas, a M.S. em alguns momentos do isolamento social teve um pouco mais a presença do seu marido no cuidar e no acompanhamento de atividades escolares, com todo entendimento socialista e também a existência de um debate dentro de casa para uma luta contra o machismo, mas mesmo assim, questões como maternidade e responsabilidades recaem sobre ela. Isso porque os filhos são sempre da mãe, como diz o ditado exposto no próprio título “quem pariu Mateus que o embale”.

Ao tempo em que a Professora M.S. foi dentre as entrevistadas, aquela que vivenciou de forma mais plena e terna a relação parental com sua filha, ela, a partir da sua configuração familiar, e de sua filiação política, a Professora M.S. e seu marido são militantes de partido socialista, nos permitiu a compreensão de que que o machismo, e a questão do gênero, estão presentes nos diversos espaços sociais e que, a construção de culturas familiares de oposição ao machismo e suas mazelas, são construções diárias, que se dão no âmbito do público e também do privado.

As questões de gênero que vivenciamos hoje, reflete as dinâmicas contraditórias da família e da vida pessoal na sociedade capitalista. E essas, por sua vez, são baseadas na inconfundível divisão, pelo sistema, entre a produção de pessoas e a obtenção de lucro, família e “trabalho”. (ARRUZZA, 2019, p.58).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O Home Office não é para todas.

Os resultados da pesquisa chamam a atenção para pensar a organização do trabalho doméstico na relação com o trabalho remunerado, e vice-versa. 65,4% das mulheres disseram que a responsabilidade com o trabalho doméstico e de cuidado dificulta a realização do trabalho remunerado. Entre as mulheres brancas, 20% consideram que dificulta um pouco, 12% que dificulta muito e 1,7% que inviabiliza totalmente. Entre as mulheres negras, 17% consideram que di culta um pouco, 11,7% que dificulta muito e 2,6% que inviabiliza totalmente. (p.40).

Conforme LEMOS, BARBOSA & MONZATO (2021), em pesquisa sobre as configurações dos conflitos familiares no contexto do home office imposto pela pandemia da COVID-19, não são todos os profissionais que se adaptam a este formato de trabalho, as autoras informam que profissionais com filhos pequenos enfrentam mais dificuldades para trabalhar em casa, o que indica que essa opção não é conveniente, para muitos (Habib & Conrford, 1996).

Elas indicam que o *home office* implementado em decorrência da pandemia da Covid-19 é um arranjo eventual, pois foi a modalidade de trabalho adotada por muitas empresas para contornar a crise. As autoras salientam que, as pessoas que estão trabalhando em casa muitas vezes tiveram horários de trabalho modificados e possuem grandes chances de interrupções e distrações com a presença da família que também se encontra em casa devido à pandemia.

Tal estudo contribui sobremaneira para a compreensão do contexto de trabalho vivenciado pelas entrevistadas de nossa pesquisa. No Brasil, o Estado não organizou nenhuma política de apoio para as mulheres mães trabalhadoras do Estado em *home office*, as mulheres são as mais impactadas nesse período com sobrecarga de trabalho, muitas vezes passa a ser em tempo integral, que leva a exaustão, pois não há flexibilização de horários, não há auxílios. E como conciliar todas essas jornadas, tarefas e maternidade? E como fica a saúde física e mental dessas mulheres?

(...) E aí quando a gente retornou, ficamos nesse apartamento, depois dos quinze dias a gente foi pra casa dos familiares, pra não aglomerar, aí houve o corte novamente, ele foi pra casa da mãe dele, eu fui pra casa da minha mãe com a F*, que é a minha filha. Então, aí volta todo esse processo de maternidade, né? Que o filho é sempre da mãe. (...) (Entrevista M.S.).

Durante a pandemia as assimetrias se reacomodam e se aprofundam. Compreender as desigualdades impostas pela pandemia, seus desdobramentos para a educação são uma necessidade para a construção de políticas públicas, de saúde, educação, sociais, efetivas no combate a COVID-19 e na organização social pós-pandemia.

Neste sentido, é necessário que as mulheres estejam igualmente representadas nos espaços de pesquisa, planejamento e respostas ao COVID-19, Conforme (ONU, 2020) é necessário aplicar uma lente intencional de gênero para o design de pacotes de estímulo fiscal, assistência social, programas de apoio para obter maior igualdade de oportunidades e proteção social restringido o impacto negativo da pandemia na vida de mulheres.

Ao pensarmos os contextos de vulnerabilidade social que a pandemia expôs estas mulheres, é fundamental refletir e questionar o papel do Estado, das instituições da sociedade na garantia de condições de vida dignas que permitam o desenvolvimento amplo das mulheres.

Através das narrativas das mulheres trabalhadoras da educação, sobre o cotidiano no isolamento social decorrente da pandemia do COVID-19, tornou-se possível visibilizar as questões a elas intrínsecas, permitindo deslocamento dos lugares sociais historicamente/culturalmente definidos para estas mulheres, permitindo que elas politizem suas rotinas, transformem as produções individuais em coletivas, e de uma escrita possivelmente marcada pela dor, ressentimento, medo, ansiedade, possa surgir uma escrita de resistência, produzindo uma narrativa de disputa democrática, organizadora de respostas de combate a COVID-19 e produtoras de uma sociedade pós-pandêmica.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil, desenvolvido via Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/CNPq-UFCG. Este trabalho é fruto do trabalho coletivo de pesquisadoras de diferentes instituições, agradecemos de forma especial as colaboradoras do Mama África: Profa. Ma. Juliana Silva Santana, Universidade Federal do Ceará – UFC⁵; Larissa Lira da Silva, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG⁶ e Daiane Pereira Soares, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG⁷.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. Revista Estudos Feministas, [s. l.], v. v.8, ed. n.1, 2000.

ARUZZA, Cinzia. BHATTACHARYA, Tithi. FRASER, Nancy. (2019). **Feminismo para os 99%. Um Manifesto**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial.

BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. **Feminismos Subalternos**. Rev. Estud. Fem. [online]. 2017, vol.25, n.3, pp.1035-1054. ISSN 0104-026X.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero**. 2002. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>> Acesso em: 19 de jun de 2020.

FÉLIX, Jeane. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e saúde. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 135-154.

⁵ Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Ceará (UFC) – Bolsista CAPES. Professora do Centro de Educação na Universidade Estadual do Ceará (UECE), curso de Pedagogia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5234-4521>.

⁶ Larissa Lira da Silva é graduanda do Curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande - campus Cajazeiras - UFCG/CFP. É voluntária da pesquisa “Mama África: narrativas de mães trabalhadoras da educação sobre o cotidiano no isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19”.

⁷ Daiane Pereira Soares é graduanda do Curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande - campus Cajazeiras - UFCG/CFP. É voluntária da pesquisa “Mama África: narrativas de mães trabalhadoras da educação sobre o cotidiano no isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19”.

GONZALEZ, Lélia. A **categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, No. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

HILL COLLINS, Patricia. **O poder da autodefinição**. In: PENSAMENTO Feminista Negro: Conhecimento, consciência e a política do empoderamento. [S. l.: s. n.], 1990. cap. Capítulo 5.

HOOKS, Bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.* [online]. 2015, n.16, pp.193-210. ISSN 0103-3352. <https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>.

IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro. N.38, 2018. Versão online. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br> Acesso em: 01 jun. 2020.

LEMONS, ANA HELOÍSA DA COSTA, BARBOSA, ALANE DE OLIVEIRA e MONZATO, PRISCILA PINHEIRO. **Mulheres em Home Office durante a pandemia da COVID-19 e as configurações do conflito trabalho-família**. *Revista de Administração de Empresas* [online]. 2020, v. 60, n. 6 [Acessado 28 Agosto 2021] , pp. 388-399. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-759020200603>>. Epub 11 Jan 2021. ISSN 2178-938X. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200603>.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

ONU. **The Impact of COVID-19 on Women**. 2020. United Nations Entity for Gender and the Empowerment of woman. Disponível em: unwoman.org. Acesso em: 01 jun. 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies*. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-10.

Sempreviva Organização Feminista; Gênero e Número. **“Sem parar. O trabalho e a vida das mulheres na pandemia”**. SP: SOF/GN, 2020. Disponível em: <http://mulheresnapanadepandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf>. Acesso em: 12/09/2020.